

O BERÇO da CREIÇÃO

ASSINATURA: Anual, 20\$00; Trimestre, 5\$00; Avulso, \$50

Semanaário nacionalista

Propriedade da Empresa
Editor — ANTÓNIO LINO

DIRECTOR: H. ALMEIDA

Redacção e Administração — Rua da República, 48-1.º
Impressão: Tip. Minerva — Vila Nova de Famalicao

EM FRENTE!

A' margem

E' um sentimento de justiça, uma ânsia de morigeração, que nos leva a clamar bem alto o nosso anti-democratismo. A mocidade de hoje, ardorosa e nacionalista, repele com indignação a balbúrdia democrática, que durante a sua vigência manchou o país de nódoas sanguinolentas, traçou páginas trágicas e lançou o opróbrio sobre o nosso Portugal.

O 19 de Outubro ficará eternamente, como símbolo de baixeza e degradação, a apontar às gerações futuras o atoleiro em que a democracia chafurdou. A queda de ministérios, por imposição dos «ai-ó-lindas», é índice da caquexia dos governos democráticos.

São estes factos, ressumantes de verdades amargas, que levando as almas, motivaram o triunfo do nacionalismo, com os seus governos autoritários.

A Revolução eclodiu sob o impulso da moralização, em anseios de ordem e paz. Porém, resquícios do passado, continuam pesando sobre a nossa geração, a perverter o objectivo do 28 de Maio.

O que urge neste momento é que o ambiente nacionalista se alargue, se generalize de forma a asfixiar, quantos videirinhos ou salitrados por aí pululem.

Ninguém é obrigado a ser inteligente; ninguém é obrigado a ser culto: mas a toda a gente, desde a mais alta camada à mais humilde, se pode exigir como condição de acesso ao serviço da grei, que seja íntegra, que seja honesta, que tenha carácter.

Salazar afirmou ao tomar conta da pasta das finanças: «o país precisa para se salvar de ter confiança na minha inteligência e na minha honestidade.»

Impõe-se que todas as funções públicas de natureza administrativa, política e militar, sem excepção do professorado e da União Nacional, sejam desempenhadas por pessoas que reflitam o alto exemplo que Salazar a todo o instante dá ao país.

O passado, com todo o seu cortejo de baixezas e imoralidades, morreu. Cumpre à mocidade de hoje impulsionar a marcha da Revolução, fazendo cumprir em toda a sua extensão os postulados da doutrina do nacionalismo corporativo.

Sem responsabilidades com o passado, temos o direito de preparar com carinho e entusiasmo o futuro de Portugal; dinamizar a vida da nação, que a geração nacionalista recebeu, naquela manhã histórica do 28 de Maio, combalida e depauperada, minada até ao âmago pelo «virus» partidário.

Com que direito se levantam os fantoches do passado a travar a marcha ascensional da geração resgatadora dos erros por eles acumulados?

Novos de Portugal, tenhamos fé. Faça cada um dentro de si a aliança da inteligência e da vontade. Vontade sem entendimento pouco vale; a inteligência sem honestidade, é um perigo a todo o momento.

«Mens sana in corpore sano» — eis do que precisam todos quantos se preparam para bem servir a Nação.

Realizou-se a semana passada no edifício da C. M. de Lisboa, o I.º Congresso Nacional de Turismo.



Na sessão de abertura a que assistiram o Chefe do Estado, Ministros e Presidentes da Assembleia Nacional e Câmara Corporativa — falou em primeiro lugar o sr. Dr. Antunes Guimarães, como presidente do congresso, afirmando ser o turismo uma das grandes riquezas do País.



Na verdade Portugal é um dos países que mais condições tem para ser um país-turista; o clima, a natureza, o folclore e os seus monumentos.



Devido à inteligente propaganda no estrangeiro do S. P. N., nos últimos tempos tem Portugal sido visitado por grande número de excursões estrangeiras.



Neste congresso feito em obediência ao nobre sentimento de bem servir a Pátria, teve por fim estabelecer o plano geral do Turismo em Portugal.



Primeiramente apreciou tudo quanto existe em Portugal como valor turístico.



A seguir previu as receitas prováveis que podem advir desse valor.



Finalmente estudou os processos a seguir para obter os resultados previstos.



Não podia a Guimarães passar despercebido este congresso.



Berço da Nação não é de estranhar, que dentro dos seus muros albergue os relicários mais sagrados da nossa história e seja a cidade — Santuário da Pátria.

VIDA CATOLICA

Terceiro Domingo depois da Epifania

O LEPROSO E O CENTURIÃO

EVANGELHO:

Depois que Jesus desceu do monte, muita gente o acompanhou. E eis que, vindo um leproso, o adorava, dizendo: Se quiseres, Senhor, podes limpar-me. E Jesus, estendendo a mão, tocou-o, dizendo: Pois eu quero. Fica limpo. E logo ficou limpa toda a sua lepra. Então lhe disse Jesus: Vê não o digas a ninguém; mas vai, mostra-te ao sacerdote e faz a oferta que ordenou Moisés para lhes servir de testemunho a eles. E tendo entrado em Cafarnaum, chegou-se ao pé d'ele um centurião, fazendo-lhe esta súplica e dizendo: Senhor, o meu criado jaz em casa doente duma paralisia e padece muito com ela.

E Jesus respondeu-lhe: Eu irei e curá-lo-ei. E, respondendo o centurião disse: Senhor, eu não sou digno de que entres na minha casa; porém manda só com a tua palavra e o meu criado será salvo. Pois também eu sou homem sujeito a outro, que tenho soldados às minhas ordens e digo a um: Vai acolá e ele vai; e a outro: Vem cá e ele vem; e ao meu servo: Faze isto e ele faz. E Jesus ouvindo-o assim falar, admirou-se e disse para os que o seguiam: em verdade vos afirmo que não achei tamanha fé em Israel. Digo-vos porém que virão muitos do Oriente e do Ocidente e se sentarão à mesa com Abraão e Isaac e Jacob no reino dos céus e os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores, onde haverá choro e ranger de dentes. Então Jesus disse ao centurião: Vai e faça-se segundo tu creste. E naquela mesma hora ficou são o criado.

CONSIDERAÇÕES:

Dizem as estatísticas que Portugal é uma das nações onde a lepra mais estragos causa.

São dignos de lástima esses nossos irmãos, mas bem mais dignos de compaixão são tantos e tantos que passeiam por essas ruas e praças com a alma atacada da lepra do pecado. São desgraçados neste mundo porque não há paz para os maus e estão em riscos de serem desgraçados eternamente. São escravos do pecado, são escravos das paixões que os tiranizam. Riem e folgam mas no meio dos seus folguedos pesa sempre sobre eles o remorso e a maldição de Deus.

Lá diz a Imitação de Cristo: «Estar sem Jesus é terrível inferno, estar com Jesus é doce Paraíso». Os que vivem na amizade e graça de Deus sacrificam-se, imolam-se, mas é no sofrimento onde encontram as maiores consolações. S. Francisco Xavier depois de passar o dia prégando e baptizando, à noite dormia sobre a terra dura e fria e no entanto ele exclamava abrasado no amor de Deus: «Basta, Senhor, basta de consolações».

Que fazer? Odio ao pecado; amor à Virtude. Antes a morte, antes mil mortes do que cometer um pecado mortal deve ser essa a resolução tomada. Fazer isto é ser feliz no tempo e na eternidade.

Congregação de Maria Imaculada

(HOMENS)

Procedeu-se à eleição da mesa que há-de gerir esta Congregação Mariana no ano corrente, ficando assim constituída:

Presidente, Fortunato Ribeiro Marques; 1.º assistente, António Luiz da Silva Dantas; 2.º assistente, Manuel de Freitas Guimarães; 1.º secretário, Bernardino Mendes de Almeida; 2.º secretário, Alberto Augusto Pinheiro; tesoureiro, Joaquim de Sousa Marques; instrutor, António Antunes da Cunha.

Os eleitos tomarão posse no próximo dia 2 de Fevereiro.

A sua festa anual que se realizará nesse dia, constará: de manhã, pelas 8 horas, Missa Cantada pelos internados das Oficinas de S. José e Comunhão Geral, e pelas 15 horas admissão de novos Congregados e posse da nova mesa, seguindo-se a Exposição do SS. e sermão por um nável e piedoso orador, terminando pelo *Tedeum* e Bênção do S. Sacramento.

INDULTOS PONTIFICIOS

Está a decorrer o tempo apropriado para os Católicos tomarem os Sumários dos Indultos (ou Bulas, como vulgarmente são conhecidas), pois que os Indultos do ano transacto terminam a sua validade no fim do corrente mês. As inúmeras graças espirituais que a Igreja Católica concede aos que os tomarem, o fim a que se destinam as esmolas dadas em sua troca e sobretudo a satisfação do dever cumprido levarão os Católicos a munirem-se dos referidos indultos perante os seus respectivos Párcos.

NOTICIAS RELIGIOSAS

Com a assistência de muitos paroquianos, o sr. P.º Augusto Borges, rezou na igreja da freguesia de S. Sebastião, uma missa em sufrágio da alma do rev. João Antunes Gomes, que foi prior da mesma freguesia.

REUNIÃO MENSAL

No pretérito domingo realizou-se na Igreja do Carmo, a reunião mensal das Filhas de Maria, que constou de missa e comunhão geral, de manhã, e de tarde, reunião da mesa, prática e bênção do SS. Sacramento.

ASSOCIAÇÃO DOS A. DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Recomeçaram a funcionar na sua sede à R. Egas Moniz, 99-1.º, na passada quarta-feira, pelas 20 e meia horas, os Círculos de Estudo, sob a direcção espiritual do rev. António Cândido Quesado. Os círculos continuarão a realizar-se semanalmente.

A direcção dos Amigos do Sagrado Coração de Jesus, mandou rezar uma missa na igreja do Carmo, sufragando a alma do seu associado benemérito José Teixeira de Carvalho. Assistiu uma delegação da Congregação Mariana de que o finado fazia parte.

NOVENAS

Terminam hoje, na igreja das Domínicas, as novenas de S. Sebastião, que durante a semana se realizaram pelas 17 e meia horas, com grande concorrência de fiéis.

Amanhã terá lugar a festividade, que será abrilhantada pelo grupo coral sob a regência do P.º Carvalho Alaio, conforme noticiamos no nosso último número. O sermão está confiado ao rev. sr. Dr. Abílio Cândido de Almeida Gomes.

Horário das missas aos domingos e dias santos nas diferentes igrejas desta cidade

6	horas	— S. Pedro.
6,30	"	— S. Francisco e Hospital da Misericórdia.
8	"	— Carmo (servindo de paroquial da Oliveira), Misericórdia (servindo de paroquial de S. Paio), S. Sebastião Campo da Feira.
9	"	— Capela de S. Domingos.
10	"	— S. Pedro.
10,30	"	— S. Sebastião (Domínicas).
11	"	— Carmo, Misericórdia, S. Dâmaso.
12	"	— S. Pedro.
12,30	"	— S. Francisco.

LAUSPERENES

Carmo — Sábados, 10 às 12 e 15 às 17 horas.
 Misericórdia — Terças-feiras, 15 às 17 e Quintas, das 15 às 16 h.
 S. Domingos (Capela) — Domingos, das 9 às 11 horas.
 " " — Segundas e quartas-feiras.
 S. Francisco — Sextas-feiras, das 15 às 17.
 Campo da Feira — Terças-feiras, das 15 às 17.

SANTA CASA

da Misericórdia de Guimarães

Movimento hospitalar
no mês de Dezembro de 1935

Hospital Geral de Santo António

Consultas no Banco, 483.
Receitas abonadas, 361.
Parturientes recolhidas, 9.
Crianças nascidas, 8, sendo 6 do sexo masculino e 2 do sexo feminino.

Doentes existentes no último dia do mês de Novembro, 80.

Doentes entrados durante o mês, 122.

Doentes saídos:

Curados, 87.
Melhorados, 27.
No mesmo estado, 10.
Falecidos, 5.

Ficaram existindo no último dia do mês de Dezembro, 73.

Banhos dados no balneário, 116.

Operações de grande e pequena cirurgia, 34.

Curativos feitos no Banco, 1:899.

Injecções aplicadas, 1:048
Aplicações eléctricas, 606.

Hospital António Francisco
Guimarães, em Vizela

Consultas no Banco, 14.

Doentes existentes no último dia do mês de Novembro, 20.

Doentes entrados durante o mês, 4.

Doentes saídos:

Curados, 5.
Melhorados, 1.
Falecidos, 1.

Ficaram existindo no último dia do mês de Dezembro, 17.

Curativos feitos no Banco, 140.
Injecções aplicadas, 11.

"O BERÇO DA GREI"

Referiram-se amavelmente ao aparecimento deste jornal os nossos colegas bracarenses *Diário do Minho* e *Correio do Minho* e o decano da imprensa distrital *O Comércio de Guimarães*. A todos agradecemos reconhecida e retribuído os seus votos de prosperidades.

DUAS MENTALIDADES

Porque não sentes o Renascimento Espiritual Português — nada em ti é alto, vives pelos sentidos — grosseiro materialista, não comprehendes o de espiritual que existe no restaurar dum monumento que atesta glórias do passado; não podes comprehender a ligação íntima entre o renascimento desses padrões de glória e o renascimento nacionalista português.

No lódo em que vives — matéria em que vegetas — só vês o que sentes, só sentes o que vês.

Para ti não há discursos de inteligência; — comesas a ouvi-los num sorriso parvo e boçal, adormeces às primeiras palavras, e, como não comprehendeste nada d'êlo, acabas por o desclassificar! . . .

Mas quando o orador se exalta, berra, dá murros na mesa, sôcos no vácuo, para a esquerda e para a direita — gritos histéricos e sorrisos hipócritas — êsse sim, satisfaz-te plenamente. . . êsse é um discurso *eloquentissimo!*

E porque assim?

Porque te falou aos sentidos? Era berrante: feriu-te a vista com a exteriorização exagerada de gestos, de movimento; feriu-te os ouvidos porque tinha «música» — peço não confundam «música» com Música; aqui significa apenas batuque, barulho, ruído — então inconscientemente comesas a imitar o «órador»: — arrebitas as orelhas, se êle berra; abanas com elas, se êle treme a voz, concordando; finalmente — *o instinto em ti fala* — bates com os pés no chão — *num gesto muito familiar aos cavalos* — exteriorizando assim o teu contentamento se êle soca na mesa.

Tens um crânio ôco. Por isso, como não podes acompanhar pela tua «inteligência», os juízos e os raciocínios do orador culto, não podendo chegar à conclusão da palestra, o classificas desse modo.

E's vazio — és «liberal». Bem dizia Fialho: «um liberal é um burro; quanto mais burro mais liberal».

Nada em ti é espiritual.

E' por isso que não sentes o renascer dos povos e combates os **Chefes** dinamizadores das almas, levando-as ao triunfo!

E' a inveja, o ódio, que em ti fala — como os filhos atestam a velhice dos pais — por te sentires um vencido! E como a tua «inteligência» não atinge os vãos altos desses **Chefes**, dessas doutrinas, tu os combates, não pelo ataque às doutrinas — que nem conheces às vezes — mas sim aos homens, pelo insulto baixo e reles, pela difamação, inventadas pelo teu ódio sem limites.

E quando não podes acusar a doutrina ou os **Chefes** dela, vingas a tua ira nos seus legítimos representantes locais.

Não és ninguém!

Só fazes barulho! Os **Chefes** e os seus **Povos** continuarão, quer queiras quer não, sem olhar para trás, a marcha encetada — êles passam, tu ficas!

(Continua na página 8).

A' MARGEM

Além disso — é um dos centros de turismo mais importantes do País: Penha, S. Torcato, Taipas, Citânia e Sabroso, Vizela, etc.



Penha — encantadora serra donde se disfrutavam as mais belas paisagens:

Santuário de Fé é-o também da Pátria simbolizado na cruz de Cristo e na águia — que saindo altaneira dum penedo, porque está preso à terra, se eleva como desafiando os céus em procura de novos mundos — do monumento a Sacadura e a Gago Coutinho!



S. Torcato — sítio pinturesco onde se realiza a maior Romaria — laboratório de estudo dos nossos folcloristas — de Portugal! Ao seu mosteiro velho se prendem os limiares da nossa história.



Taipas — importante estância balnear já conhecida dos Romanos.



Citânia e Sabroso — acrópoles minhotas a que é preciso subir para vexar ao Sol de Deus a oração da Raça! — onde vamos buscar a génese da Pátria, a árvore — geração de Portugal!



Vizela antiqüíssima e sempre nova e bela estância termal. Cantinho aprazível onde se sente bem perto o Minho em todos os seus tons.



Enumerar todas as belezas deste rincão minhoto — Guimarães — é praticamente impossível.

Desde a humilde casinha rural ou capelinha ao mais imponente mosteiro ou palácio, em tudo se nota o amor à terra e as bênçãos de Deus.



Num destes últimos dias, alguém com fumaças de importância afirmou: *O Berço da Grei* é um jornal reaccionário!



Esta expressão vazia de sentido, sem um vislumbre de ideia, está tam gaste e puida, que já nada traduz nem nada exprime, a não ser a vacuidade mental de quem ousa proferi-la.

DO MUNICIPIO

ACÇÃO MUNICIPAL

Tem um alto significado social a actividade desenvolvida pelo Governo e autarquias locais em benefício das povoações rurais, pois da execução dos melhoramentos que as aldeias requerem, depende o regresso à terra.

O abandono dos campos, na miragem dos centros citadinos, cuja repercussão na vida dos nossos dias assume aspectos de intensa gravidade, provém, disso não haja dúvida, do desconforto das aldeias, sem caminhos, fontes, escolas, luz, etc., etc.

Tal foi o desleixo a que os políticos lançaram as povoações agrícolas, que a grandiosa obra feita sob a égide do Estado Novo está muito longe de ter solucionado o problema.

Por vezes, contra a orientação governamental, surgem ainda edilidades que tudo gastam nas cidades no desejo de embelezar artérias, jardins, substituir candieiros, etc., etc., esquecendo-se de que os povos das aldeias também contribuem para o erário público.

Há muito a fazer em prol das freguesias do nosso concelho, a maior parte delas desprovidas de caminhos, escolas, fontes, etc., etc.

A nota das obras rurais participadas no ano findo pelo Estado, traduz uma das facetas mais simpáticas da presente verificação.

Como temos por norma basear as nossas palavras em dados concretos, estampemos as quantias concedidas para estradas municipais: — 200 contos de participações do Estado no empedramento de oito estradas, juntamente com as verbas do orçamento municipal, perfazem 400 contos!

Urge continuar esta obra, com afinco e tenacidade, fazendo uma distribuição equitativa do dinheiro dos munícipes.

Desde já garantimos aos habitantes das freguesias, que sempre estamos prontos a exigir, sem desfalecimento, a realização de um plano de melhoramentos rurais, tendente a elevar o grau de bem-estar das populações agrícolas.

PROJECTOS PARA OS QUAIS FOI PEDIDA A COMPARTICIPAÇÃO DO ESTADO, A EXECUTAR NO ANO CORRENTE

	Pedido em :	Orçamento
Alargamento do caminho público desde o lugar das Carvalhas (E. M. de Gemeos) à igreja paroquial de <i>Polvoreira</i>	Abril de 1935	57:587\$40
Alargamento do caminho público desde a E. M. 13-A ao cemitério paroquial passando pela <i>Igreja de Gondar</i>		39:235\$53
Terraplanagem da E. M. 13, de Lordelo (E. N. 11-2.ª) a Villa Nova de Sande—lanço da Deveza ao Regalo (<i>Guardizela</i>)	20 de Novembro de 1935	42:892\$19
Redução de declive de 2 trainéis na E. M. da <i>Penha</i>	13 de Junho de 1935	9:109\$31
Servidões e muros no trço da E. M. compreendido entre a E. N. 5-1.ª e a E. M. que passa em <i>Capelos</i>	13 de Junho de 1935	18:547\$18
Passeio a mosaico para o <i>Largo da Condessa do Juncal</i>	13 de Junho de 1935	9:582\$38
Construção de lavadouros públicos no lugar de S. <i>Lazaro</i>	Agosto de 1935	14:350\$20
Alargamento do trço do caminho público, entre o lugar Linhares e a igreja paroquial, e calcetamento do mesmo caminho no lugar da Breia (<i>caminho de Pinheiro</i>)	20 de Novembro de 1935	29:616\$35

Alguns NADAS do NADA que se tem feito

E' vulgar ouvir-se dizer que em Guimarães nada se tem feito, após o movimento de 28 de Maio.

Talvez se pretenda assim afirmar que se fez muito antes dessa data e não seremos nós que negaremos a obra realizada até então. Por agora só pretendemos mostrar a que se reduz o tam acentuado *nada* que muitos têm constantemente na bôca.

Antes da Revolução do 28 de Maio, o tema mais glosado pelos jornais da terra e pelos correspondentes dos de fora era, e com razão, a vergonha da estação do correio e telégrafo, instalada ali em frente do jardim. O público era servido num estreito corredor que não teria mais de seis metros quadrados de superfície. Foi depois do 28 de Maio que passou para o edifício onde actualmente se encontra. E parece que este *nada* não envergonha a cidade; mas, não obstante, é um *nada* em que ninguém atenta.

A rede telefónica urbana, bem como a linha directa ao Pôrto deve-se também à situação criada pela Revolução Nacional. Habitados como estamos à grande comodidade do telefone nem sequer nos lembramos que a rede foi inaugurada em 1929 pelo Sr. General Carmona, venerando Presidente da República, quando nesse ano visitou Guimarães e que antes desse ano não possuíamos tamanho benefício. Um *nada* como outro qualquer.

Outros *nadas* que passaram também ao rol do esquecimento foram: a transformação da rua de Santo António, junto ao correio e vizinhanças; a modificação do largo do Conselheiro João Franco; o ajardinamento da parte central do largo de 13 de Fevereiro e a pavimentação da parte restante; a regularização da rua das Domínicas; a construção de retretes públicas decentes; a pavimentação da rua de Santa Maria; o calcetamento a mosaico dos passeios e placa central do jardim do Toural; os melhoramentos nas instalações da luz pública etc., etc... tudo pequenos *nadas* que passaram à história e que por isso *nada* são já.

A demolição da *casa do Caldeireiro* e a dos pardieiros à entrada da avenida Cândido dos Reis são de data recente e ainda se recordam as locais freqüentíssimas que os jornais lhes dedicavam; já se esqueceram, porém, os artigos inflamados que se escreveram por causa do inestético edifício da rua das Hortas que avançava mais dum metro para o passeio; já recuou para o lugar que lhe competia. Mas não foi isto senão um *nada* dos muitos *nadas* que se têm feito.

Poucos se lembrarão já também do estado em que há pouco mais de quatro anos se encontrava a actual rua *João Melo*; que não parece *nada* do que foi.

Há outros pequenos *nadas* em matéria de pavimentação de ruas que convém lembrar neste momento. Os cubos de granito, que toda a gente conhece pelo nome vulgarizado de *paralelepípedos*, empregaram-se pela primeira vez em Guimarães na pavimentação da rua Dr. Joaquim José de Meira. Quem se lembra já do estado daquela artéria antes das obras realizadas há cinco anos? Pois foi o primeiro *nada*, de outros *nadas* porque agora se suspira e que a seu tempo se realizarão.

Foi depois pavimentada pelo mesmo processo a rua do Condestável Nun'Alvares e a esta seguiram-se outras: as de Gil Vicente, de S. Dâmaso e parte da do Governador Molarinho.

A grande transformação da avenida Cândido dos Reis, compreendendo a pavimentação a paralelepípedos, a reforma dos passeios, a plantação de novas árvores, instalação subterrânea dos cabos da energia eléctrica e a montagem de novas colunas para a iluminação pública, absorveu uma centena de contos. Pois foi dinheiro desperdiçado porque aquilo tudo não passa dum *nada*, outro tanto se dando com as obras da estrada de Fafe desde a Senhora da Guia aos novos Paços do Concelho.

Nada é que se fez em volta do Castelo, como *nada* sem valor são também os restauros do claustro da Colegiada e do Castelo, e a criação, instalação e existência do Museu Alberto Sampaio.

Por onde se vê que em Guimarães tudo se reduz a *nada*. Só não são *nadas* os miríficos *criticantes* e *depreciadores* da obra dos outros, os quais parecem *nada* ver além das suas *importantíssimas* pessoas.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

DA CIDADE

POR GUIMARÃIS

Duas propostas sobre as Festas da Cidade

A convite do presidente da Comissão executiva das Festas da Cidade, sr. A. L. de Carvalho, reuniram no dia 20, no salão nobre da Câmara, alguns representantes das colectividades e da imprensa.

Abriu a sessão o sr. A. L. de Carvalho que propôs o estudo do programa das «Gualterianas» em obediência a um novo estilo, longe dos moldes inexpressivos dos festejos banais.

Pôsto o assunto em discussão surgiram duas propostas.

O sr. Joaquim Laranjeiro dos Reis opina, atendendo à verba destinada às Festas, 70 contos, que as «Gualterianas» devem ser realizadas em 1937, sob a condição de serem industrializadas, isto é, comprado o material das armações.

A segunda proposta, do sr. Silvino Alves de Sousa, pretende a realização das «Gualterianas» com mais 20 contos, além da verba lançada.

Sobre um programa, amoldado aos 70 contos, nenhum dos presentes se pronunciou.

As propostas foram escritas para serem estudadas.

Casas económicas

Esteve em Guimarães no pretérito dia 17, a proceder à demarcação do terreno para a construção das moradias do bairro operário na freguesia de Urgez, o sr. engenheiro Cruz, do Ministério das Obras Públicas.

As bases da edificação do primeiro lanço, 76 casas, serão brevemente postas em concurso.

Sua Ex.^a o sr. engenheiro Cruz, mostrou interesse em que os empreiteiros de Guimarães concorressem.

Telegrama

A direcção da Caixa escolar da Escola Industrial e Comercial de Francisco de Holanda, enviou na semana passada um telegrama de agradecimento ao sr. engenheiro Nobre Guedes, membro da Assembleia Nacional, pela aprovação do Decreto que concede aos diplomados das escolas técnicas preferência absoluta para os lugares do Estado.

Guarda do Castelo

Por intervenção do director do Museu Alberto Sampaio, foi atribuído ao guarda assalariado do Castelo, o vencimento anual de 2:160\$00, por conta do orçamento do Ministério da Instrução.

O *Notícias de Guimarães*, afirmou que a acção municipal nesta terra «não ultrapassa os restauros novos... de casas velhas» depois de se ter insinuado que continuam sem solução os problemas seguintes: «saneamento, águas, estradas, habitações, restauros, jardins, etc. etc. Isto não é exacto.

1.º Todos os jardins de Guimarães sofreram artísticas remodelações que os tornaram dos mais aprimorados das cidades da província.

O jardim do Carmo, com o seu novo arranjo, o do Toural, com o mosaico de elevada concepção, o do largo 28 de Maio, transformado pelo artista Jacinto de Matos, oferecem aprazíveis aspectos.

Nestas obras gastaram-se em 1932-33, 29.826\$35; em 1933-34, 9.802\$00; em 1934-35, 7.084\$00; total, 51.458\$00.

Isto comprova o desvelo que as últimas vereações têm dedicado ao problema dos jardins.

2.º Quanto a estradas despenderam-se, só no ano findo, perto de 400 contos. Cerca de 8 estradas municipais foram empedradas.

Além disso, o Município oficiou à Junta Autónoma, solicitando imediatas reparações das estradas nacionais. Os efeitos desta intervenção estão patentes: foi posta em hasta pública o calcetamento a paralelepípedos da estrada de Guimarães a Famalicão, e aguardam-se para breve as reparações das estradas de Guimarães a Braga e a Santo Tirso.

3.º No capítulo águas o Município despendeu no ano findo 74.749\$25, para captar águas na Penha.

A resolução cabal deste problema está dependente de um projecto, que o sr. engenheiro Caravana está incumbido de traçar. Do esforço tenacíssimo do vimezanense de verdade, sr. António José Pereira Lima, activo vereador das águas, podemos confiar a solução do problema.

4.º Em relação a restauros gastaram-se as seguintes verbas: obras na igreja de Nossa Senhora de Oliveira, 10 contos; no Castelo, 20 contos; ponte românica das Taipas, 15 contos; consolidação de uma torre do Castelo, 15 contos; restauro do claustro da igreja de nossa Senhora de Oliveira, 10 contos; etc.

5.º Quanto a habitações, sob a égide do Estado construíram-se dois bairros: um de 9 casas, outro de 20. Em breve, mesmo muito em breve, dentro de poucas semanas, é adjudicada a construção de 76 casas económicas, um lanço das 200 que vão ser edificadas. Para êste fim está assegurada a verba de mil contos.

6.º O Saneamento depende da resolução do problema das águas.

Em vez de andarmos com insinuações e mentiras diplomáticas, congreguemo-nos à volta da vereação camarária, encorajando-a na execução do plano traçado.

Apesar da crítica destrutiva dos regionalistas, estamos convencidos que o Município há-de concretizar os planos delineados, a bem de Guimarães. Isto comprova que os benefícios do Estado Novo chegaram até nós.

CORPORATIVISMO

Dr. Pedro Teotónio Pereira

Reina grande contentamento no meio da classe operária portuguesa. Sua Ex.^a o Dr. Pedro Teotónio Pereira foi nomeado ministro do Comércio e Indústria.

Ainda há pouco os Sindicatos de Guimarães enviaram saudações de despedida a Sua Ex.^a pela sua retirada do cargo de sub-secretariado das Corporações e Previdência Social — cargo em que tanto brilho e competência demonstrou — e estavam longe de pensar que o veríamos tam depressa de novo na luta pelo corporativismo.

Temos a certeza que Sua Ex.^a continuará, a servir e a beneficiar com a sua acção, as classes trabalhadoras.

Por isso o Dr. Pedro Teotónio Pereira bem merece da Pátria e dos trabalhadores.

Exéquias por alma do Dr. Miranda da Rocha em Penhalonga

Do enviado de *O Berço da Grei*

Promovidas por um grupo de amigos, realizaram-se na passada terça-feira, 21, em Penhalonga, a terra do saudoso Dr. Miranda da Rocha, solenes exéquias por sua alma.

Assistência de todas as camadas sociais. Antigos camaradas de luta, o povo humilde da sua aldeia, que o venerava, gente vinda de longe, muito longe, enchem a igreja.

Às 11 horas começaram os officios.

No altar-mor tomaram lugar os pais do chorado delegado do I. N. T. neste distrito, e os srs. Governador Civil de Braga, delegado do I. N. T. deste distrito, representantes da U. N. de Braga, professores do Liceu, oficiais, etc., etc.; representantes dos sindicatos da cidade de Braga; representantes dos Sindicatos Nacionais de cutilaria, padaria, de indústria têxtil, de curtumes e dos garfeiros de Sande, com os seus estandartes com pesados crepes, desta cidade de Guimarães; povo da sua terra natal.

Terminadas as cerimónias foi descerrada no túmulo do Dr. Miranda da Rocha uma lápide, homenagem dos Sindicatos, no 30.º dia da sua morte.

J. O. C.

A juventude operária católica da freguesia de Creixomil realizou no dia 19, pelas 21 horas, uma festa no salão do C. N. S., à rua Dr. Bento Cardoso.

PORTUGAL NO ESTRANGEIRO

ARMINDO MONTEIRO FALA AO "LES NOUVELLES LITTERAIRES"

Ao nosso país têm vindo, atraídos pelo «extraordinário caso português», os jornalistas de maior reputação europeia.

Ouvem escritores e homens de estado, auscultam a consciência nacional, e concluem pelo ressurgimento de uma Pátria, outrora mergulhada em profunda sonolência.

Frédéric Lefèvre, redactor principal de *Les Nouvelles Littéraires*, que ultimamente esteve em Portugal, ocupa um lugar de superior relêvo no jornalismo francês.

Auxiliado por um estilo nervoso, o seu espírito de fina observação, analisou, a golpes de inteligência, a alma nova que fluidiza a vida nacional.

Da sua entrevista com o sr. Dr. Armindo Monteiro, ministro dos Negócios Estrangeiros, vamos transcrever alguns passos:

«Eu alimentava um vivo desejo de entrevistar o Dr. Armindo Monteiro. Todas as pessoas que eu interroguei, de diferentes graus da sociedade, eram unânimes em reconhecer no ministro dos Negócios Estrangeiros, depois de Salazar, uma das mais relevantes personalidades da Situação.

De estatura muito acima de média, olhar firme e sereno, ora trespassado de chamas sombrias, ora irradiando uma suavidade nostálgica, o ministro desprende uma impressão de juventude, força e autoridade.

— Desejava algumas notas sobre as suas origens: — nasci em Ródão, pequena vila agrícola, onde meus antepassados tinham sido lavradores.

— Como veio para a política?

— Antes de Salazar tomar conta da pasta das finanças, andávamos em absoluto desinteressados da política. Mas, após o seu aparecimento, uma mística se formou à volta do seu nome. A sua conduta honesta, as suas palavras enérgicas e ponderadas, os seus primeiros actos, em suma, tudo o que se sabia da sua vida solitária e ascética, bastou para explicar este milagre: o prestígio de Salazar nascido num minuto.

— O que deu ensejo a que V. Ex.^a cooperasse na obra de Salazar?

— Em 1928, publiquei alguns artigos de crítica sobre a estatística portuguesa. O ministro das Finanças aconselhou-me: «o que é preciso, não é escrever sobre a estatística, mas organizá-la». Nomeou-me director geral de estatística. Não me oferecia uma sinecura, mas um lugar de res-

ponsabilidade. Hesitei. Salazar persuadiu-me a aceitar por dever patriótico. Ao fim de um ano a estatística portuguesa igualava o que melhor se fazia na Europa. Observe: o nosso último boletim onde as principais indicações estão traduzidas em francês.

Começa-se pela natalidade e acaba-se pelos falecimentos e, entre estes dois termos, emigração, produção, etc. ...

Folhee o boletim. Surpreendido, deparei números ordenados, hierarquizados, com tanto acerto, que acabaram por me emocionar. Esta tarefa dum país em tomar conhecimento de todas as manifestações da sua vida, reveste-se de uma significação moral.

Ao meu interlocutor, exclamei: «Este boletim é o exame de consciência de uma nação».

Sorriu e continuou...

A propósito do prestígio de Salazar, permita que eu lhe conte dois casos expressivos.

Voltava de Moçambique. Ao dobrar o Cabo, admira-se um panorama admirável.

Perto de mim, dois homens do povo, sensíveis à magia do espectáculo, reflectiam: «Tudo isto foi nosso!» E dizia um: «E isso nos pertencerá brevemente, responde o outro. Salazar anda a tratar disso.» Parece impossível ao povo que o que Salazar quer, se não realize.

«Alguns meses após a sua subida ao poder, ia num *tramway* quando uma discussão se agitou entre o condutor e uma mulher do povo que se lamentava por não ter recebido todo o trôco.

Como argumento supremo, desfechou-lhe esta frase: «perder por perder, prefiro dar a Salazar».

Em seguida Frédéric Lefèvre leva o sr. Dr. Armindo Monteiro a explanar a sua vasta acção como o ministro das Colónias.

— Pensa V. Ex.^a que a França, que considera como a sua segunda pátria, esteja dobrando um ângulo da história.

— Penso que todos os povos estão numa viragem histórica. Em Portugal, esforçamo-nos por realizá-la com êxito, mas a tempestade ainda não passou.

Os povos que querem dobrar o Cabo devem unir-se e compreender a necessidade da autoridade. Os regimes autoritários são neste momento indispensáveis. Todas as nações devem de ter o seu alicerçado nas tradições. Mas qualquer que seja o país, a autoridade não pode ser exercida

senão por um homem vindo do povo, tudo devendo ao seu valor, um homem estruturalmente íntegro e que viva, tanto quanto possível uma vida ascética, um homem em quem o povo reconheça um dos seus e que possa dizer:

«A autoridade não se exerce para salvaguardar privilégios, mas para salvar todo o país.»

Eu não tenho receios quanto ao futuro da França. E' um país cujas possibilidades são infinitas. Também entre vós uma autoridade se manifestará em breve que não contrariará o espírito gaulês.

Surgirá da direita ou da es-

querda? Ela virá quando os termos direita ou esquerda não tiverem sentido. Em Portugal, não sabemos o que essas palavras querem dizer: Nós só conhecemos o país. O homem público não deve pensar em si mas colocar todas as suas faculdades ao serviço da nação.

No fim da vida, repetindo a expressão de Richelieu, deve poder afirmar: «eu não tive outros inimigos senão os do Estado».

E, já a terminar, o sr. Dr. Armindo Monteiro, acrescenta, o homem de Estado deve desprezar profundamente a popularidade.»

LIÇÕES CULTURAIS

A' MARGEM DE ARISTÓTELES

Quando penso que este Aristóteles tinha, há dois mil e trezentos anos, as mesmas preocupações de espírito que nós temos hoje e esbarrava, como nós esbarramos hoje, nos mesmos problemas insolúveis, nos mesmos enigmas que se recusam, nas mesmas hipóteses que se dissolvem, no mesmo Incognoscível perturbador; quando penso que no quadro, e bem restricto, dos problemas da Inteligência, o homem não fez, neste período de dois mil e trezentos anos, um passo só que o aproxime da Certeza e da Verdade, e todo êle se tem gasto em passadas inúteis, em esforços estéreos à volta do Efêmero e da Ilusão; quando noto que as dúvidas de Aristóteles são as nossas dúvidas, e as suas verdades factícias são ainda as nossas verdades; quando reparo em que dois mil e trezentos anos não bastaram ainda para se poder ter nítido, claro, indiscutível o pensamento de Peripato, e ainda, nesta altura da vida, os comentadores se emburham, se discutem, se excluem, à volta do texto aristotélico, e a impressão me fica de que dois mil e trezentos anos volvidos sobre os já passados não aumentarão outra coisa que não sejam as dúvidas e incertezas de hoje; quando penso em tudo isto, surge no meu pensamento esta interrogação angustiada: para quê?

Bibliotecas e bibliotecas representativas de esforços milenários, jorrando no dizer dos vãos, luz sobre o mundo, que tem elas feito senão constatar a impotência humana diante da Incógnita?

Que somos? Que somos? Donde viemos? Para onde vamos? Desde que o mundo é mundo, desde que o Pensamento é Pensamento, essas perguntas aguçam a nossa curiosidade, espicaçam a nossa ânsia, infatigavelmente, e sempre por detrás delas, nós temos encontrado apenas: Silêncio, escuridão e nada mais!

Para que no meio do caos tenebroso em que o Pensamento humano se debate, incerto e triste, o homem pudesse ver a claridade da esperança e antever a luminosidade magnífica da certeza, foi preciso que Deus se lhe revelasse, não para preencher as falhas do seu Saber, mas para lhe indicar a maneira de lhe obedecer e O servir.

«Oh! que perigoso de separar a luz do ardor, diz o nosso doce Manuel Bernardes; conhecer muito de Deus e amar pouco a Deus!»

O Saber do homem é hoje, como foi sempre, e será sempre como é hoje estéril e vão. Cerca-o uma noite que nenhum luar atenua, e se a alguma conclusão certa legitimamente pode chegar é a de que não sabe nada.

Tudo, na filosofia, é condicional e precário; tudo, nela, vem precedido dum sinal mofino e fatídico, — o sinal *se*.

Deus deixa-nos à volta dêsse sinal, a construir as nossas teorias, a organizar os nossos sistemas, a levantar as nossas hipóteses, — poeira vã de ilusões e quimeras, porque não foi para *Conhecer* (quero dizer: *Saber*) que Ele nos criou, mas para *O servir* (quero dizer: *Amar*).

Fora da Revelação, não há Verdade nem Certeza; porque fora dela tudo é humano, e tudo quanto é humano é ilusório e relativo.

PRO-HOMENAGEM A GIL VICENTE

“O Berço da Grei” continua a publicação de valiosos depoimentos que, pelos pareceres que encerram, fornecem elementos de grande alcance para a fixação das directrizes das homenagens Gilvicentinas.

... Sr. Director de *O Berço da Grei*:

Desculpem-me a demora em responder à amabilíssima carta de VV. Disso são culpadas a doença que há semanas me assalta e uma fugidia estada no Pôrto.

Sem preâmbulos escusados vou tentar responder às perguntas de VV. com a clareza que é necessária, não sem que em VV. felicite a nobre cidade de Guimarães pelo empreendimento, sob tantos aspectos louvável, de erguer um monumento ao imortal e sempre actual Gil Vicente.

1.º — A' primeira pergunta eu responderei: A melhor maneira de prestar condigna homenagem a Gil Vicente será publicar-lhe as obras com um largo comentário. Para isso estava naturalmente indicada a grande Mestra de todos nós, D. Carolina Michaëlis.

A morte não quis que a excelsa Senhora concluísse o empreendimento e assim Gil Vicente ficou privado do verdadeiro monumento a erguer ao seu formidável génio.

A seguir às obras deve vir uma campanha nacional no sentido de internacionalizar Gil Vicente levando ao conhecimento dos povos um génio tam profundo como o seu.

Neste ponto é-me grato chamar a atenção de VV. para um inglês ilustre a quem Gil Vicente é devedor de imenso trabalho dispendido em o tornar conhecido, quer em monografias notáveis quer em magníficas traduções inglesas de alguns outros — o Sr. Aubrey Bell.

Depois das traduções — sobretudo inglesas, francesas e alemãs, viria a representação dos seus autos em teatros populares, levando dêste modo ao conhecimento do nosso povo o génio vicentino, que tanto escreveu para o povo.

E por fim um monumento erguido não em Guimarães, mas em Lisboa, cidade em que durante tantos anos Gil Vicente representou e na qual surgiu expontâneamente a sua veia cómica notabilíssima.

2.º — Guimarães é, de facto, a terra que até hoje reñiu maior quantidade de votos a favor da naturalidade de Gil Vicente.

Não deve, porém, limitar as suas homenagens a uma simples comemoração local.

A meu ver ela deve interessar o país inteiro e até o Brasil e a Galiza — nossos irmãos — em tal consagração. E isso não será impossível pois que essa cidade alberga em seus muros alguns dos nossos mais ilustres homens de letras.

3.º — No admirável despertar da consciência nacional a que assistimos é dever nosso consagrar os obreiros desta nossa Terra, os que a fizeram grande e respeitada e os que lhe enriqueceram a língua.

E' justo, pois, que a par do glorioso Infante de Sagres, do construtor do reino de Portugal, D. Afonso Henriques, e

do grande Mousinho de Albuquerque, se preste condigna homenagem a Gil Vicente, a figura mais interessante de toda a nossa literatura, figura que hombraia com o próprio Camões!

Permitam-me agora que por minha vez, requeira também uma homenagem para os grandes estudiosos de Gil Vicente: — D. Carolina Michaëlis, Braamcamp Freire, Brito Rebelo, Menendez y Pelayo e Teófilo Braga, já mortos; e os vivos — Afonso Lopes Vieira e Aubrey Bell, para só citar estes, pois que a legião dos vicentistas é, felizmente, assaz numerosa.

Desculpem-me, se não respondi cabalmente aos seus desejos, e creiam na consideração do que é

De VV., etc.,

António A. Dória.

*

... Sr. Director de *O Berço da Grei*:

Satisfaço à carta-circular que VV. me dirigiram, a propósito da passagem do 4.º centenário da morte de Gil Vicente.

A' 1.ª pergunta, respondo: — Como membro da Com. Adm. da Câmara Municipal apresentei ali uma proposta, na qual afirmara que a projectada construção de uma casa de espectáculos em Guimarães, seria a melhor maneira de consagrar a memória ilustre de Gil Vicente, o Precursor do Teatro em Portugal.

A' 2.ª pergunta, respondo: — Para se poder desejar que a comemoração do 4.º centenário da morte de Gil Vicente tenha em Guimarães um « carácter nacional », seria necessário ver proclamada como « verdade oficial », que foi aqui a sua terra de nascimento. Não é, porém, de crer que o Estado, sem o *desideratum* da sua Academia de Ciências, se venha promiscuir na controvérsia antiga de quantos se recusam a aceitar Guimarães como terra natal do insigne quinhentista.

Em tais circunstâncias, a celebração centenária terá de ser « local », como já o foi aquela que a S. M. S. promoveu na passagem do 4.º centenário da fundação do Teatro Português.

A' 3.ª pergunta, respondo: — Um monumento em Guimarães à glória imortal de Gil Vicente, é um pensamento muito simpático ao meu espírito. Não colidem as ideas e os propósitos da construção de um *Teatro* e da erecção de um *Monumento*.

Em várias conjunturas eu tenho não só apregoado as excelências da idea do Monumento, mas até mesmo já em 1920 esbocei, na Vereação Municipal, alguns trabalhos para a sua efectivação.

Faço sinceros votos porque a tentativa de VV. vinha — sem esquecermos tódos de que, ou o Monumento é uma cousa à altura do singular comediógrafo e poeta do século XVI, ou melhor será então limitar-se a expressão dessa homenagem a um Teatro, onde se veja na sua frontaria, em baixo relêvo, o Mestre no *Auto da Visitação*.

De VV. etc.,

A. L. de Carvalho.

Presidente da « Sociedade de Defesa e P. do Guimarães ».

Pro-Monumento aos Heróis da Grande Guerra

Convocada pela sub-agência da Liga dos Combatentes, efectuou-se na terça-feira passada, no salão da Associação Comercial, uma reunião pro-monumento aos heróis da Grande Guerra.

O sr. capitão Malaquias Sousa Guedes, em nome da Liga convidou para presidente o sr. dr. José Castro Ferreira, que se fez secretariar pelo representante da Associação Comercial e pelo sr. tenente Manuel Rebêlo da Cruz. Em seguida o sr. capitão Duarte Fraga expôs as origens do projecto do Monumento e alvitrou a emissão de selos de 1\$00 como processo de angariar donativos que, juntamente com os 30.000\$ da Câmara, custeiem a construção do Monumento. Pelo sr. Alijó de Lima foi apresentada uma proposta para a constituição das comissões de honra, de propaganda e de execução do monumento.

Alguns vimaranenses, o sr. dr. Joaquim Barros, sr. João Teixeira de Aguiar e sr. major Andrade, manifestaram a sua discordância com a orientação de alguns trabalhos.

Ficou deliberado que a comissão executiva, juntamente com a direcção da Liga, se avistasse com a Comissão Administrativa da Câmara.

SOCIEDADE

Partiu para Lisboa o Ex.^{mo} Sr. Dr. Leopoldo Martins de Freitas, e Ex.^{ma} esposa a fim de submetem o seu filho Antero a uma operação. Fazemos os mais ardentes votos pelo pronto restabelecimento do doentinho.

Com destino ao Rio de Janeiro partiu há dias para Lisboa o dedicado amigo da Penha e grande capitalista vimaranense, Ex.^{mo} Sr. Manuel Pacheco Barbosa, acompanhado de Sua Ex.^{ma} esposa. Desejamos a Suas Ex.^{as} boa viagem e rápido regresso.

S. SEBASTIÃO

Na igreja de São Dâmaso e conforme fôra anunciado, realizou-se no passado dia 20 a festa de S. Sebastião. O orador, rev. D. António Coelho, empolgou o auditório durante 50 minutos. A parte coral, confiada à capela dos Guises, agradou deveras e a igreja encontrava-se um mimo de ornamentação. Os nossos parabens à ex.^{ma} Mesa da Irmandade.

DUAS MENTALIDADES

(Continuação da página 3)

Não compreendeste o restaurar dos marcos ancestrais da velha *Roma* como consequência do renascimento espiritual da Itália Nova — como não podes compreender a obra do restauro de Portugal, política, económica, moral e historicamente feita.

E' por isso que, ao veres a restauração do nosso castelo altaneiro que traduz o renascimento da vida portuguesa, o respeito pelas virtudes da Raça de que o liberalismo fez tábua rasa, te insurges, insultando a cidade culta, com o teu «irónico» cidade-museu!

Não sabes tu que os monumentos são o testemunho vivo da História Pátria? Não é no amor que lhe votamos que nasce em nós o amor a Portugal, à sua História, ao estudo das glórias do passado?

E o seu restauro não será a expressão do amor e carinho que lhes dedicamos? — Já não falo no seu valor na economia nacional, como factor importante de turismo.

Pois fica sabendo: é esse amor ao passado, que no presente nos dá a força necessária para a construção dum futuro melhor.

ANTÓNIO-LIÃO.

NÃO DIGA ASSIM... DIGA ANTES...

H A V E R

Emprega-se este verbo na maior parte das vezes no sentido de *existir, realizar-se, dar-se*, como nas frases seguintes: Há (existe) um homem em Portugal; houve (realizou-se) uma festa na freguesia; havia (dava-se) na gruta um fenómeno singular.

Tem-se discutido muito, ultimamente, qual a função que se deve atribuir às palavras nas circunstâncias de *homem, festa, fenómeno*. Ao público em geral interessa falar e escrever bem. Saber se uma palavra desempenha esta ou aquela função compete especialmente aos gramáticos e não é assunto de grande monta para o aperfeiçoamento da língua. Mas já que vem a propósito sempre diremos da nossa justiça.

Sustentam alguns que a palavra *homem* da frase atrás citada serve de sujeito da proposição, alegando que a frase é equivalente a *existe um homem* e nesta última *homem* é, sem dúvida, sujeito. Mas se mudarmos a frase para o plural teremos de dizer *há homens* e não parece que *homens* possa classificar-se como sujeito, visto que o verbo não concorda com êle em número, como é de rigor. E nada se adianta com dizer que *há homens* corresponde a *existem homens*; também *a terra é lavrada pelo lavrador* equivale a *o lavrador lava a terra*, sem que tal correspondência implique a mesma função de *terra* nas duas proposições. Parece pois lícito concluir que a palavra, empregada com o verbo *haver*, *há* ou *existe* não desempenha a função de sujeito.

Não nos queremos alongar neste assunto. O que nos interessa focar é o erro, muito frequente no norte do país, de se dizer *haviãam homens, houveram festas, que não hajam discórdias*, etc. Nesta acepção o verbo *haver* não se emprega senão no singular; mas o erro está de tal modo enraizado que até pessoas de certa cultura o cometem, tal a influência que o meio exerce sobre todos. E' até possível que haja quem conteste a afirmação que acabamos de fazer e sustente que é correcto usar-se o verbo no plural no sentido atrás indicado. E não obstante é indubitável que se trata dum erro que não tem defesa possível. Não há escritor nenhum que lhe dê a menor justificação. Se assim não fôsse, não haveria motivo para a questão atrás indicada; o verbo passava a concordar com o sujeito e não havia lugar para discussões.

Não se diga pois: *haviãam homens, houveram festas, que não hajam discórdias*; diga-se antes, porque assim é que está certo: *havia homens, houve festas, que não haja discórdias*.

DO CONCELHO

Caldas das Taipas

O balneário velho, etc. — Não é novidade em primeira mão o que vou dizer, porque nos jornais diários veio já referência ao facto.

Mas, como disse alguém, acertadamente: não é preciso dizer sempre cousas novas: o que é preciso é repetir muitas vezes as cousas verdadeiras.

A gente que se interessa pelo bem comum, que deseja o engrandecimento da sua terra e vê sempre com bons olhos a realização de qualquer obra de necessidade onde maior conveniência há para o público, rejubilou com a notícia de que vai ser reparado, completamente reformado o nosso balneário velho, cujas águas, dizem, são preferidas ainda por muitos frequentadores das termas.

Bem haja o Município de Guimarães não só por essa obra, que, desde há muito, se impunha, mas também por outra que de muitíssima necessidade é nas Taipas: — o melhoramento da iluminação, que está garantido para este ano.

Tem-se feito muito, é certo.

Mas se um espírito de verdadeira isenção e justiça orientar as pessoas que têm de velar pelos interesses de todos; se quantos foram investidos em poder de mandar e dispor se compenetrarem de que lhes foi dado o poder para servir e para servir mais e cada vez melhor, não haverá a lamentar flagrantes lacunas que, às vezes, erguem vozes clamorosas de protesto, mas vozes clamantes... no deserto, tudo em desprestígio do poder.

Tristeza — Do 1.^o número *O Berço da Grei* seja permitido destacar o artigo *Higiene e puericultura*.

Muito bem!

Ainda há pouco, um jornal de província — duma das províncias do sul de Portugal, soltava o lamento de não se evitar que um canceroso, em estado mais que repugnante, passeie a sua máscara horrivelmente disforme, pelas ruas e praças, a roçar-se com os transeuntes.

E foi de tal maneira impressionante o clamor, que o próprio Governador Civil do respectivo distrito foi verificar e... dizer à Direcção Geral da Assistência Pública que veja aquele espectáculo e acabe com êle.

Para que são tantos peditórios em favor dos cancerosos?

Se alguém passar pelas Taipas pode observar outra edição do caso do sul...

Santo Amaro — Realizou-se na limítrofe freguesia de S. Martinho de Sande uma festividade em honra de Santo Amaro, prêgando o pároco das Taipas, sr. P.^o Silva Gonçalves. — C.